

É mesmo poeta

Josué Montello



Senador José Sarney

NA semana passada, em plena fase da reformulação partidária, o Senador José Sarney deu-nos uma prova pública de sua fidelidade à literatura, vindo lançar no Rio de Janeiro o seu livro de poesias, *Os Maribondos de Fogo*.

A poesia, quando tem de vir, vem mesmo. Não há posição, compromisso, conjuntura ou preconceito que lhe obstacule o caminho. O poeta traz em si o gosto e o regozijo da paternidade literária. É ele que exhibe o poema, como se apresentasse o filho no balcão do sobrado.

Digo assim para ajustar o contentamento do poeta José Sarney à moldura adequada do Maranhão — ao ver confirmada, neste seu novo livro, a concordância do escritor com as suas raízes.

José Sarney pertence a uma geração literária que veio depois da de Odylo Costa, filho, em São Luís. São seus companheiros, entre outros valores que permaneceram na província natal, Nauró Machado, Bandeira Tribuzzi, José Chagas. Ele se inclinou para a política à hora em que o homem de ação quis suplantá-la na sua personalidade de o criador literário. Em vez de poemas — escolas; em vez de contos — pontes e barragens.

Não me posso esquecer do entusiasmo com que, no início de seu Governo, no Maranhão, ele me levou a ver as suas novas estradas, que reformularam todo o sistema viário de São Luís, permitindo a atual expansão da velha cidade. As máquinas trabalhando, a derramarem as camadas de asfalto sobre as pedras compactadas, tinham para Sarney a música da máquina de escrever — na composição de seus poemas.

O livro de versos reinsere agora o poeta José Sarney na sua geração maranhense. Por seus poemas se verifica que ele se mantém fiel à nossa ilha, à nossa província. Quem é que sabe, fora dali, o sentido e a significação específica da Rua 28 de Julho? É preciso conhecer São Luís, nos seus mistérios e nas suas aparências,

para penetrar no segredo poético desta confissão de Sarney:

Esta noite eu volto
À Rua 28 de Julho e bebo a vida
Nos sobrados suarentos
Onde procuro
A constelação do Aquário.

■ ■ ■

Ano passado, quando Lucy Teixeira, nossa conterrânea, tomou posse de sua cadeira na Academia Maranhense de Letras, foi José Sarney, como acadêmico, quem lhe deu as boas-vindas em nome da velha casa literária. Presidente da Arena, Senador da República, ele saiu de uma entrevista com o Presidente da República para louvar os versos da querida Lucy, na tribuna da Academia, em São Luís.

Dou a esse fato uma significação exemplar. E nele reconheço um testemunho a mais da fidelidade de José Sarney à sua geração literária. Porquanto Lucy Teixeira pertence ao mesmo grupo de poetas e prosadores que se identificaram no Maranhão, ao abrigo de uma movelaria (é verdade: uma movelaria), para recitar seus poemas, no período em que a vida é grave e séria, embora seja ainda uma adivinhação. E nesse grupo já tinha Sarney a posição de liderança que adiante ia aprimorar no tirocinio da vida política.

Recentemente, lendo o livro de memórias de Vitorino Freire, *A Laje da Raposa*, fiquei preocupado. Como o velho cacique político, que Sarney afastou do cenário maranhense, trataria esse aguerrido adversário, que ele não podia perdoar? E vi que Vitorino, no seu livro póstumo, fazia esta surpresa: ele, tão combativo, tão candente nas suas agressões, trocou a cólera pela suavidade da escrita, dando-nos assim a certeza de que foi limpo de coração que se apresentou diante de Deus. Não ajustou contas com ninguém, no livro póstumo.

A circunstância de ter Vitorino escrito um livro de Me-

mórias, depois que deixou o Senado, também vale como um exemplo a mais de que as letras, para os políticos, constituem um bom refúgio, mesmo para aqueles que só de leitura as cultivaram.

Já Machado de Assis, no discurso de lançamento da pedra fundamental da estátua de José de Alencar, havia observado: "Desenganado dos homens e das coisas, Alencar volveu de todo às suas queridas letras. As letras são boas amigas."

José Sarney não precisou dos desenganos para voltar às letras. Estas, longe de constituírem simples passatempo de suas horas políticas, correspondem, para o Senador maranhense, à vocação primeira, que nunca o desacompanhou. Por isso, sempre que se lhe apresenta ocasião propícia, ei-lo a escrever contos e poemas, enquanto sonha com o romance que ainda não pôde concatenar e redigir.

■ ■ ■

Há uns bons 30 anos, ouvi um funcionário público saudar o meu ilustre amigo Luís Simões Lopes, então diretor geral do DASP, dando-o como um sonhador. Luís Simões Lopes, que tanto já havia feito pela implantação do sistema do mérito no serviço público civil, logo retrucou que sonhava em casa, mas realizava na repartição.

José Sarney há de sonhar em casa, mais a gosto, com as suas queridas letras, mas não será tão sonhador assim no Senado da República ou na

presidência da Arena. Ali é realizador.

O louvor ao poeta, a propósito de *Os Maribondos de Fogo*, não há de ser pretexto, assim, para confrontá-lo com o homem público, que é um dos orgulhos de sua terra e de sua geração. Mas cumpre reconhecer que, à primeira vista, haveria alguma conotação entre aqueles maribondos e o tirocinio da vida política, que andaria cheia deles, e das espécies mais variadas, munidas do respectivo ferrão.

Diz-nos o velho Domingos Vieira, no seu *Tesouro da Língua Portuguesa*, que maribondo é uma "espécie de vespão do Brasil, que deixa certo ardor durante algum tempo no sítio da mordedura". E acrescenta, com o seu saber metódico: "Há diversas espécies de maribondos, pretos e amarelos, dando-se a estes últimos o nome de caboclos. Os menos nocivos são os maribondos-mosquitos. Uns vivem em sociedade como as abelhas, fazendo vários andares com casinhas ou compartimentos para os filhos; outros vivem solitários e por isso lhes dão particularmente o nome de ermitões."

Confesso que, após a leitura desse verbete, e conhecendo por experiência própria os maribondos maranhenses, entrei a tirar ilações risonhas, imaginando as diversas espécies de maribondos que o Senador José Sarney tem encontrado na política brasileira atual, quer na Arena, quer no MDB. Uns pretos, outros amarelos. Em grupos ou solitários.

Em verdade, o poema de José Sarney, que lhe dá nome ao livro, é de inspiração lírica, sem correlação com os maribondos, o poeta que ouve zumbir à sua volta, sobretudo agora, no duro período polémico da reformulação partidária.

Nada, nos seus poemas, conduz o leitor à vida política. Sarney se volta para as puras emoções da vida, desprendido de astúcias e sagacidades, para apenas reencontrar os motivos sentimentais que o prendem indissoluvelmente ao mistério da poesia. É outro Sarney, a nos

deixar sentir em vários versos a saudade de si mesmo.

Não sei como a classe política lhe acolheu o livro de poemas. O que sei é que os poemas o restituíram ao puro veio da inspiração popular, com o ritmo métrico adequado. Não é ele, no Senado da República, um legítimo representante do povo maranhense? Podemos afirmar que o poeta não se desprende dessa representação, ao falar dos sinos de uma velha igreja maranhense ou das carrancas da Fonte do Ribeirão.

■ ■ ■

É possível que esteja acontecendo com o Senador José Sarney o que aconteceu com o nosso conterrâneo Raimundo Correa, quando foi assumir o cargo de Promotor em São João da Barra. Ali chegou o poeta à noite, hospedando-se numa casa de família. No dia seguinte, à hora do jantar, disse-lhe o dono da casa, preocupado:

— Doutor, terra pequena é terra de intriga. O senhor chegou ontem e já andam falando mal de sua pessoa.

Raimundo Correa abriu muito os olhos, espantado:

— Andam falando mal de mim?

— É verdade — confirmou o senhor. — Andam dizendo que o doutor é poeta.

Com certeza, em Brasília, já andam dizendo, nos corredores do Palácio do Planalto ou do Senado da República, que o Senador José Sarney, Presidente da Arena, é poeta.

Imagino o Presidente João Figueiredo, num de seus despachos com o General Golbery do Couto e Silva, a perguntar ao seu Ministro Chefe da Casa Civil, baixando a voz:

— É verdade o que andam dizendo do Senador Sarney, General?

E o General, que também cultivava as boas letras:

— É verdade, Presidente. Conversei com o Chefe do Serviço Nacional de Informações, e o General Otávio de Medeiros me confirmou. É mesmo poeta. Um excelente poeta. É a opinião geral.